

galeria

nara roesler

são paulo
rio de janeiro
new york
www.nararoesler.com.br
info@nararoesler.com.br

the armory show

2 - 5 março, 2017

stand 904

piers 92 & 94
new york ny eua

preview

1 março

premier | 11 - 15h

VIP | 15 - 20h

vernissage | 17 - 20h

aberto ao público

2/3 março | 12 - 20h

4 março | 12 - 19h

5 março | 12 - 18h

Alexandre Arrechea (n. 1970, vive e trabalha em Nova York e Miami) foi membro fundador do coletivo cubano Los Carpinteros. Suas obras empregam metáforas visuais sobre desigualdade social na atualidade, privação cultural, proibição e redes de hierarquia. Arrechea desenvolve seus conceitos em esculturas e instalações de grande escala que criticam a vigilância e o controle. Seu projeto recente, *Katrina Chairs*, instalado no *Festival Coachella*, presta homenagem às comunidades devastadas pelo furacão Katrina em 2005. O artista também cria projetos monumentais, como *NOLIMITS* (2013) – formado por dez esculturas de edifícios emblemáticos de Nova Iorque, que se curvam e tombam como uma mangueira de jardim maleável – que lidam com questões de acessibilidade e qualidade dos espaços público e privado.

Exposições futuras

Wild Noise
The Bronx Museum, Nova York, EUA - coletiva
17 Fev - 3 Julho, 2017

Learning From Latin America: Art, Architecture, and Visions of Modernism
Los Angeles Municipal Art Gallery (Pacific Standard Time), Los Angeles, EUA - coletiva
Set, 2017 - Jan, 2018

Exposição atual

Refazer
Galeria Nara Roesler | São Paulo - individual
4 Fev - 18 Mar, 2017

Exposições recentes

Los Carpinteros: Objeto Vital
CCBB, São Paulo, Brasil - coletiva
30 Julho - 12 Out, 2016

The Map of Silence
Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, Argentina - individual
23 Maio - 22 Julho, 2016

Clique aqui para acessar o portfólio de Alexandre Arrechea



alexandre arrechea, **conspiracy**, 2007
madeira e fórmica
221 x 43,2 x 81,3 cm



alexandre arrechea, **el peso del vazio**, 2005
midia digital
ed. 1/3 + 1 PA
02'01"

Artur Lescher (n. 1962, São Paulo, Brasil) vive e trabalha em São Paulo. Seu trabalho expõe as qualidades tangíveis dos objetos e sua interação com a arquitetura. Tem preferência por objetos inteiriços, suspensos e sujeitos à força da gravidade, criando tensão entre as proporções do espaço e o objeto. Utilizando materiais variados, como metal, pedra, madeira, latão e cobre, Lescher evoca volumes e formas familiares, porém removidas de sua função usual. Ganhou reconhecimento após participar da *19ª Bienal de São Paulo*, em 1987, na qual apresentou *Aerólitos*, obra composta de dois balões de 11 metros de comprimento, um deles no pavilhão da bienal e o outro numa área externa, que dialogavam entre si. Ao utilizar os balões para separar as esquadrias e as janelas do prédio, Lescher revelou o espaço supostamente neutro do local. O artista, que com frequência se inspira nos arquitetos modernistas, criou *Indoor Landscape* para a *25ª Bienal de São Paulo*, em 2002. A obra é formada por dois módulos de formas regulares dispostos no chão, um feito de madeira e o outro de lona e água, criando um espaço de atrito no interior do edifício projetado por Oscar Niemeyer. Em 2013, participou do *Projeto Octógono*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, com *Inabsência*: uma enorme cúpula presa ao teto do átrio, que dialogava com o projeto inicial de Ramos de Azevedo, arquiteto responsável pelo prédio construído em 1905.

Exposições recentes

Desmedidas

Espaço Cultural do BNDES, Rio de Janeiro, Brasil - coletiva

14 Dez, 2016 - 10 Fev, 2017

Everything You Are, I Am Not

MANA Contemporary, Jersey City, EUA - coletiva

1 Maio - 8 Out, 2016

Clique aqui para acessar o portfólio de Artur Lescher



artur lescher, **rio de parede**, 2016
aço inox e aço galvanizado
260 x 37 x 15 cm

Brígida Baltar (n. 1959, Rio de Janeiro) vive e trabalha em Rio de Janeiro. Deu início a sua carreira na década de 1990, com pequenos gestos poéticos em sua casa e ateliê. Participou de diversas bienais, entre elas a 25ª *Bienal de São Paulo* (2002); 17ª *Bienal de Cerveira*, em Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things — Biennial of the Americas*, em Denver, EUA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007) e 5ª *Bienal de Havana*, em Cuba (1994). Seus trabalhos foram apresentados em diversas exposições internacionais, como: *Cruzamentos: Contemporary art in Brazil*, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014); *SAM Art Project*, Paris, França (2012); *The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America*, Middlesbrough Institute of Modern Art, Inglaterra, (2011); Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colômbia, (2012); e *Constructing views: experimental film and video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010). Sua obra está representada em diversas coleções, incluindo: Colección Isabel y Agustín Coppel, Cidade do México, México; Museum of Contemporary Art, Cleveland, EUA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, Inglaterra; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; entre outras.

Exposições recentes

International Series: Contemporary Artists from Brazil
Turchin Center for the Visual Arts, Boone, EUA - coletiva
01 Julho - 03 Dez, 2016

Irmãos
Galeria Nara Roesler | Rio de Janeiro, Brasil - individual
27 Set - 17 Nov, 2016

Clique aqui para acessar o portfólio de Brígida Baltar



brígida baltar, **o hematoma**, 2016
óleo sobre porcelana
35 x 23,5 x 1 cm

Daniel Senise (n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil), vive e trabalha no Rio de Janeiro. Em sua prática atual, destaca o equilíbrio e peso do espaço em pinturas que retratam a presença e a ausência de objetos cotidianos. Com frequência, suas telas incorporam texturas do solo, pó de ferro, objetos de chumbo e tecido. Alguns de seus trabalhos apresentam superfícies densamente trabalhadas; outros, camadas muito finas de tinta. Em *Musée D’Orsay* (2014), Senise usa tinta acrílica e resíduos sobre uma tela colada a uma peça de alumínio para reconstruir a galeria do museu de Paris em tons de branco e bege. Embora o espectador não consiga identificar as pinturas no espaço, o componente arquitetônico do estilo cubo branco de exposição artística surge como forma de manipular o espaço e sua interação com a arte.

Exposições futuras

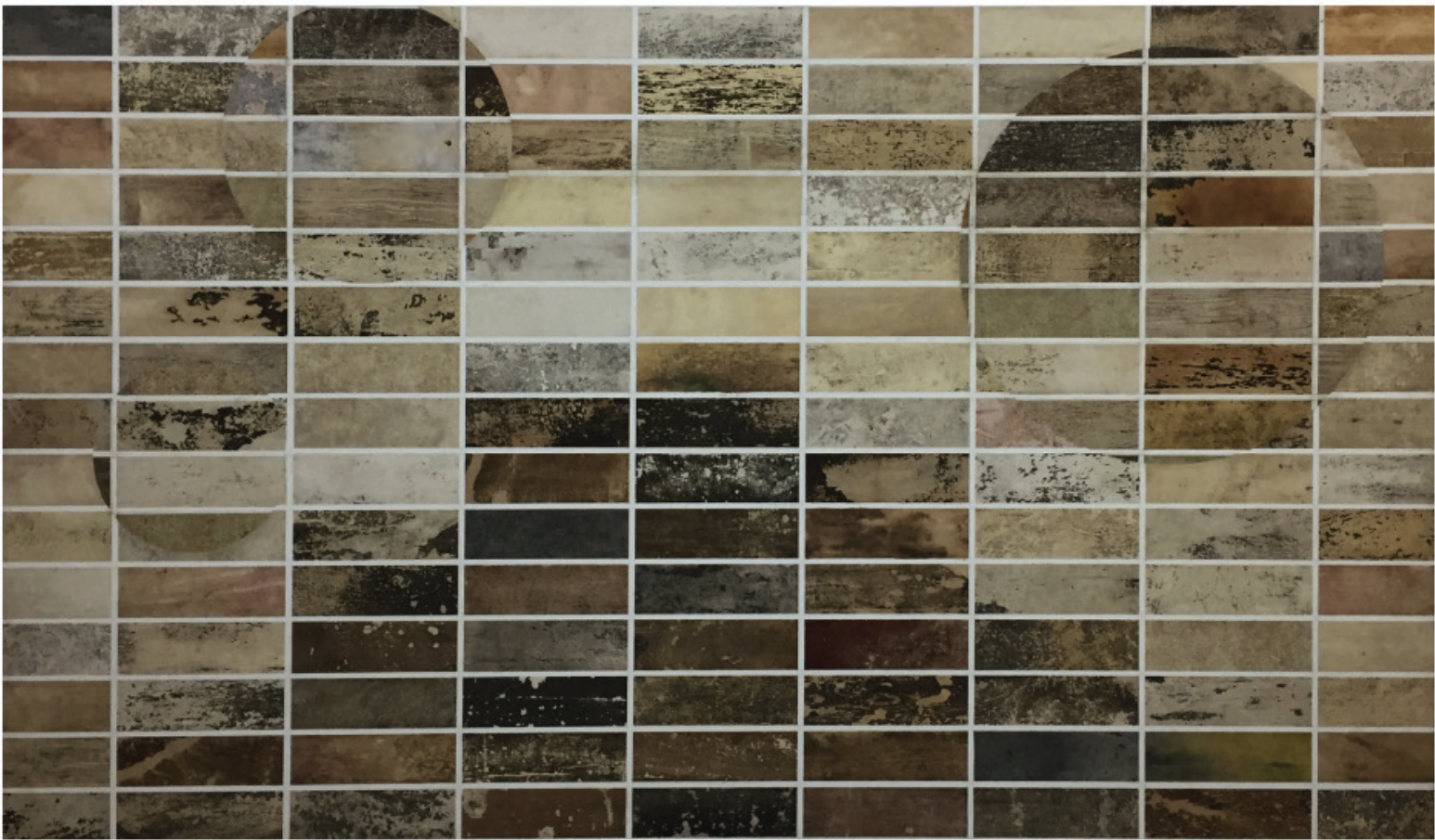
Daniel Senise
Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil - individual
4 Abr - 27 Maio, 2017

Exposições recentes

Cidade Jacaranda Pequenos Formatos: Dimensão e Escala
Cidade das Artes, Rio de Janeiro, Brasil - coletiva
10 Dez, 2016 - 29 Jan, 2017

A Cor do Brasil
Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil - coletiva
2 Ago, 2016 - 15 Jan, 2017

Clique aqui para acessar o portfólio de Daniel Senise



daniel senise, **sem título**, 2016
monotipia em tecido e meio acrílico e resíduos sobre alumínio
150 x 250,3 x 5,5 cm



daniel senise, **sem título**, 2016
monotipia em tecido e meio acrílico e resíduos
sobre alumínio
250 x 150 cm (cada)

Eduardo Navarro (n. 1979, Buenos Aires, Argentina) vive e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

A prática artística de Navarro é baseada em pesquisa; suas performances se baseiam em estudos científicos, jurídicos e espirituais. Em seus projetos participativos e comunitários, Navarro colabora regularmente com diversos especialistas, de padres a alpinistas ou homeopatas. Ao mesmo tempo em que convida os participantes a se envolver com o produto final de seu trabalho, Navarro registra o processo em fotografias, desenhos, mapas e textos. Num projeto recente desenvolvido em Nova Iorque, *We Who Spin Around You*, colaborou com dois astrofísicos para explorar questões relacionadas a nossa relação inconstante com a natureza no contexto da astronomia e dos estudos solares. Os participantes foram convidados a usar máscaras de bronze projetadas para ajudá-los a ver o sol de maneira “segura”, que transformavam o astro numa pequena esfera verde-escuro, enquanto ouviam uma palestra sobre o sol. A série de desenhos de Navarro aquecidos em forno foi produzida em papel-manteiga e pintada com açúcar e solução aquosa. A mistura escurece conforme o papel é assado, formando desenhos domésticos figurativos. Na performance *Instructions from the Sky*, apresentada na Frieze New York | Projects em 2016, os performers seguem as nuvens com seus instrumentos – cinco discos e capacetes espelhados –, aparatos usados para receber instruções do céu.

Exposições e residência futuras

En El Eercicio De Las Cosas, Casa de America, Madrid, Spain - coletiva

15 Feb - 27 Mar, 2017

32ª Bienal de São Paulo - Itinerâncias, Palácio da Instrução, Cuiabá, Brasil - coletiva

May 9 - July 8, 2017

Residência Artística, In Site Casa Gallina, Cidade do México, México

Fev - Mar, 2017

Exposições recentes

32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva

Pavilhão da Bienal, São Paulo, Brasil - coletiva

7 Set - 11 Dez, 2016

SeMA Biennale - Mediacity Seoul

Seoul Museum of Art, Seul, Coréia do Sul - coletiva

1 Set - 20 Nov, 2016

Clique aqui para acessar o portfólio de Eduardo Navarro



eduardo navarro, **lucid dreams, cloudy days**, 2004/2008
lápiz, cola, glitter e folha de alumínio
40 postais de 21cm x 29cm (cada)

Lucia Koch (n. 1966 em Porto Alegre, Brasil) vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Ao longo de sua carreira, tornou-se conhecida por suas intervenções no âmbito da arquitetura existente, seja através do uso de escultura, fotografia, vídeo ou filtros coloridos. Lucia encena diversas intervenções arquitetônicas, a fim de interromper a tendência dos espectadores de se concentrar no conteúdo de um espaço ao invés de em sua arquitetura. Para criar esse efeito, a artista realiza uma série de manipulações, agregando filtros de luz e materiais translúcidos, alterando clarabóias e fachadas e colando imagens de espaços tridimensionais sobre paredes. Essas ações criam uma tensão cumulativa entre interior e exterior e subvertem os limites dos espaços particulares. O trabalho de Lucia reflete uma preocupação política mais abrangente com a habitabilidade das estruturas genéricas produzidas em massa. Para a artista, o espaço é uma coisa viva que existe no tempo e é atemporal. Em *Fundos*, na *Bienal de Lyon* de 2011, Lucia interveio sobre um edifício monumental. Durante a Bienal, ao saber que o prédio seria demolido, Lucia ironicamente anunciou o novo empreendimento em um outdoor.

Em Gottberg, em 2005, colaborou com outros artistas em exposição para alterar as fontes de luz natural no espaço e assim produzir condições de iluminação ideais para seus co-expositores. Mais recentemente, trabalhou com seda estampada: *Air Temperature* é uma obra criada com base em equações matemáticas que reproduz vários pores do sol presenciados pela artista no mundo todo, em cidades como Porto Alegre, São Paulo e Nagoya, entre outras. As cortinas transformam o ambiente natural em uma prática de estética industrial, catalogando o arquivo de pores do sol de Lucia.

Exposições futuras

Hercule Florence: Le Nouveau Robinson
Nouveau Musee National de Monaco, Monaco - coletiva
17 Mar - 11 Jun, 2017

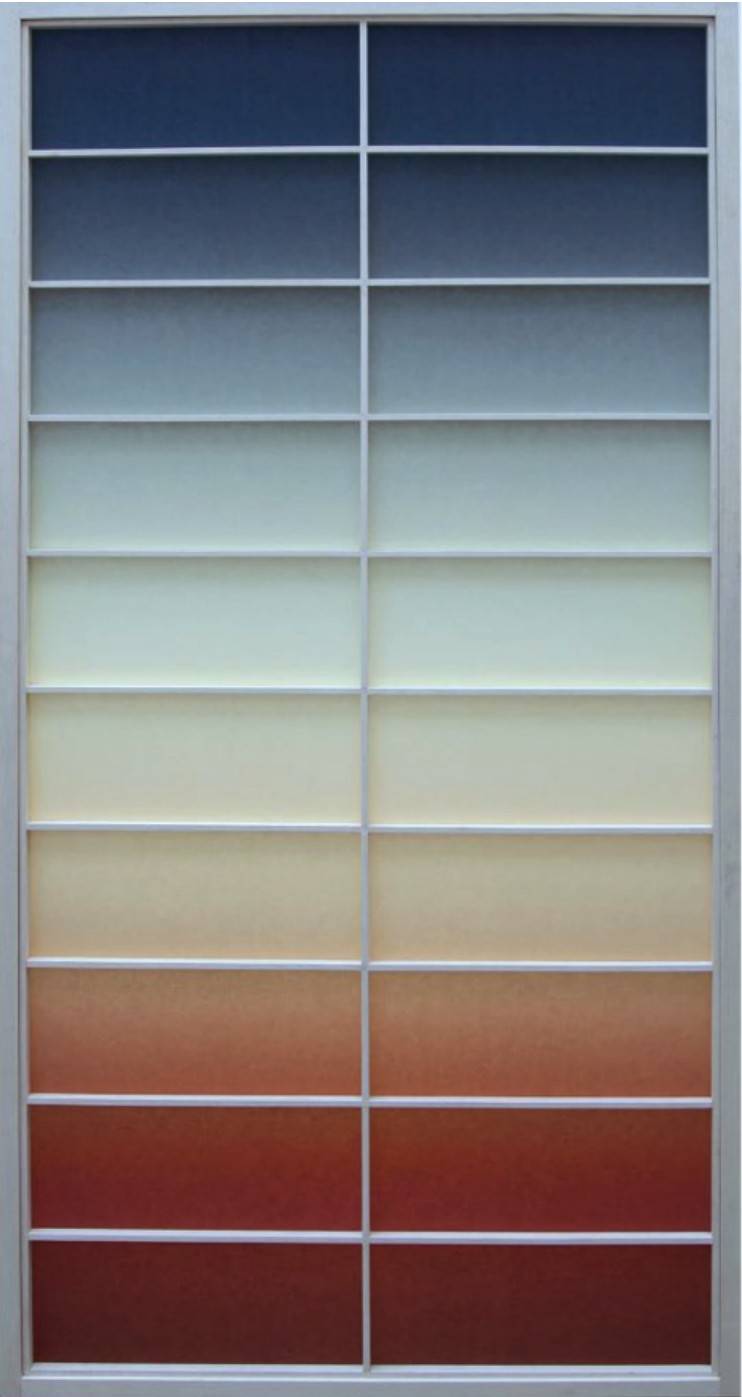
Exposições atuais

Fundos
Studio X Rio, Rio de Janeiro, Brasil - individual
3 Dez, 2016 - 31 Mar, 2017

Exposições recentes

Brasil, Beleza!
Museum Beelden Aan Zee, Den Haag, Holanda - coletiva
25 Maio - 3 Out, 2016

Clique aqui para acessar o portfólio de Lucia Koch



lucia koch, **shoji**, 2016
impressão sobre papel kozo japonês
e lâmpada de led, madeira
200 x 100 x 50 cm

Marcos Chaves (n. 1961 no Rio de Janeiro, Brasil) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira artística no início da década de 1980. Artista conceitual, Chaves trabalha com fotografia, vídeo, assemblage e instalações de grandes dimensões, transformando experiências cotidianas e materiais comumente ignorados em objetos artísticos. Com leveza e paródia, suas obras empregam o humor para ocultar uma sensibilidade trágica e poética. “O humor abre caminhos”, afirma. “Às vezes você ri de coisas que podem não ser tão engraçadas assim. O humor pode nos fazer parar para pensar”. Chaves sobrepõe textos a fotos, registra suas próprias intervenções em fotografia e vídeo e instala objetos não-artísticos preexistentes em contextos artísticos, numa abordagem que lembra Marcel Duchamp. Em *Academia*, criou uma academia ao ar livre, com cimento, tubos de ferro, madeira e barras, que moradores do Rio de Janeiro podiam usar para se exercitar. O título é um trocadilho com a centralidade do samba e das academias no cotidiano dos cariocas.

Exposições futuras

Marcos Chaves
Galeria Nara Roesler, New York, EUA - individual
02 Mar - 8 Abr, 2017

Exposições atuais

Rotative Repository of Latin American Video Art: Mono Canal
El Museo del Barrio, New York, EUA - coletiva
1 Jan - 30 Abr, 2017

Exposições recentes

Perambulante
Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil - individual
19 Nov, 2016 - 21 Jan, 2017

Em polvorosa
Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, Brasil - coletiva
30 Julho - 5 Fev, 2017

Clique aqui para acessar o portfólio de Marcos Chaves



marcos chaves, **o viajante sobre o rio de névoa**, 2016
impressão digital, montagem em metacrilato
ed. 1/5 + 2 PA
178 x 235 cm

Marco Maggi (n. 1957 em Montevideu, Uruguai) vive e trabalha entre Montevideu e Nova York. O foco principal de seu trabalho é o desenho, meio pelo qual empreende diálogos sobre o terreno complexo da prática contemporânea, além de discutir a ontologia do próprio desenho. Suas obras retratam os malefícios do mundo hiper-acelerado da atualidade, numa tentativa de demonstrar que no desenho, tanto imaterialidade quanto materialidade podem ser representadas pelo traço e pela sombra. A maioria dos materiais que Maggi utiliza em seus desenhos de pequenas dimensões e em suas águas-fortes delicadas provém de itens domésticos, produtos comerciais do dia a dia e objetos que se assemelham a modelos e maquetes arquitetônicas. Nas palavras de Maggi: “O processo é meu conceito e meu propósito, a origem e o objetivo da obra”. Vistas de longe, suas obras escondem sua complexidade; é preciso literalmente chegar perto para compreendê-las completamente; seu trabalho desconstrói o gênero como um marco zero do desenho. A série *Braille* é composta de um alfabeto em relevo de grandes dimensões, além de diversas marcas sobre a superfície de um desenho e objetos tridimensionais inscritos que lançam sombras sobre a parede. A visualidade tátil do desenho se expande com a abordagem derridiana de Maggi, que desenha na e através da cegueira. Para Reynolds Wrap (2008), o artista criou gravuras com padrões intrincados, que remetem a maquinário, num rolo de papel alumínio, e para Hotbed (2009), embutiu esculturas minúsculas num conjunto gigantesco de pilhas de papel entalhado. Representando o Uruguai na *56ª Bienal de Veneza*, Maggi apresentou o projeto *Global Myopia*, composto por duas etapas distintas de sua prática: na primeira, recortou um alfabeto de 10 mil elementos durante o ano de 2014 em Nova York; na segunda, utilizou os elementos pré-recortados para escrever nas paredes do pavilhão, na primavera de 2015.

Exposições futuras

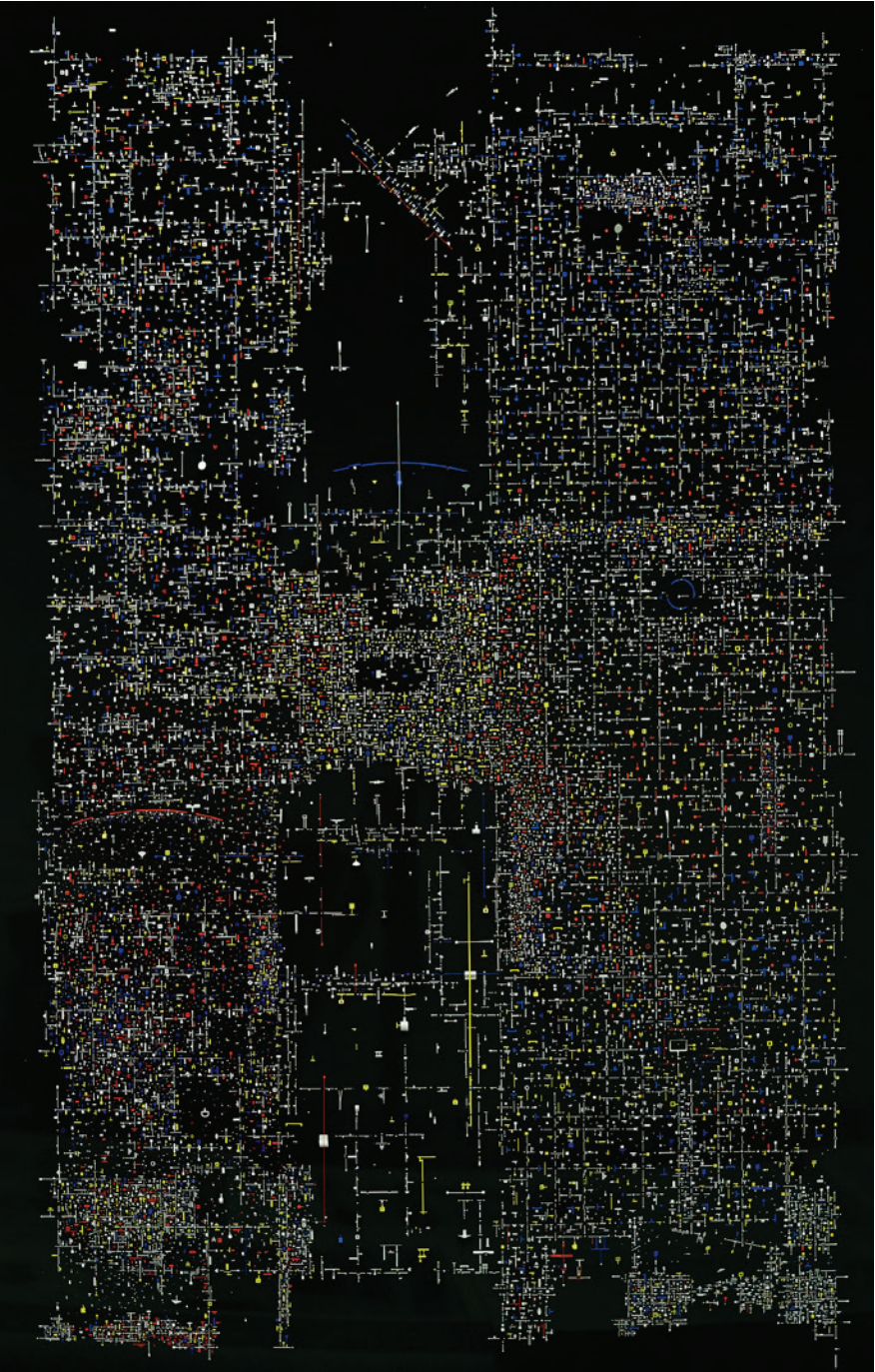
Marco Maggi
Museu Brasileiro de Escultura, São Paulo, Brasil - individual
27 Maio - Out, 2017

Exposições recentes

Artificial Realities
Courtauld Institute of Art, Londres, Reino Unido - coletiva
30 Jan - 30 Jun, 2016

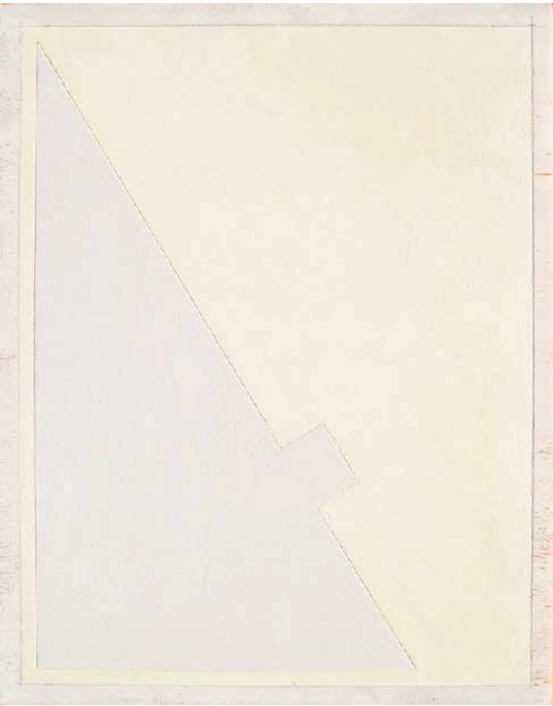
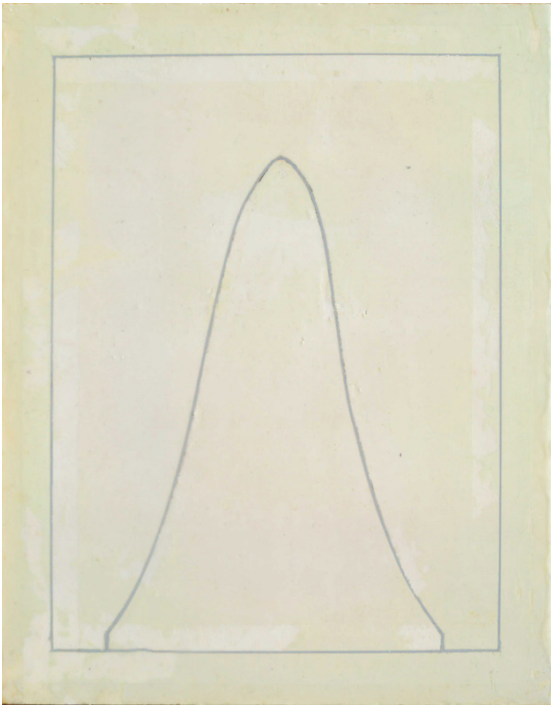
Global Myopia
Pavilhão do Uruguai - 56ª Venice Biennale, Veneza, Itália - coletiva
9 Maio - 22 Nov, 2015

Clique aqui para acessar o portfólio de Marco Maggi



marco maggi, **big data**, 2016
adesivos sobre cartão museológico
150 x 100 cm

Melanie Smith (n. 1965, Poole, Reino Unido) vive e trabalha na Cidade do México, México. Melanie produz instalações, vídeos, filmes, fotografias e pinturas que evidenciam seu interesse no legado dos movimentos modernista e pós-vanguardista na América Latina, com ênfase na infraestrutura e na população da Cidade do México. *Spiral City* (2002) é uma resposta cinematográfica à *land art* de Robert Smithson e ao seu filme *Spiral Jetty*, que aborda o tema. Enquanto o filme de Smithson segue o artista em seu movimento rumo ao interior da espiral, *Spiral City* joga com o contraponto entre a vista aérea da Cidade do México e o movimento ascendente da câmera, em espirais crescentes. O filme retrata uma cidade submetida a uma erosão cristalina, em que estruturas se sobrepõem e desmoronam, e é também uma intrigante cartografia do futuro. A série inclui ainda diversas fotografias em branco e preto e uma sequência de pinturas. Juntos, esses elementos compõem o registro de uma expansão urbana aparentemente sem limites, na qual a contemplação abstrata da massa é inseparável de sua experiência social.



Exposições futuras

Learning from Latin America: Art, Architecture and Visions of Modernism
Los Angeles Municipal Art Gallery (Pacific Standard Time), Los Angeles, EUA - coletiva
Set, 2017 - Jan, 2018

Exposições recentes

FEMSA Bienal
Monterrey, Mexico - coletiva
13 Out, 2016 - 22 Jan, 2017

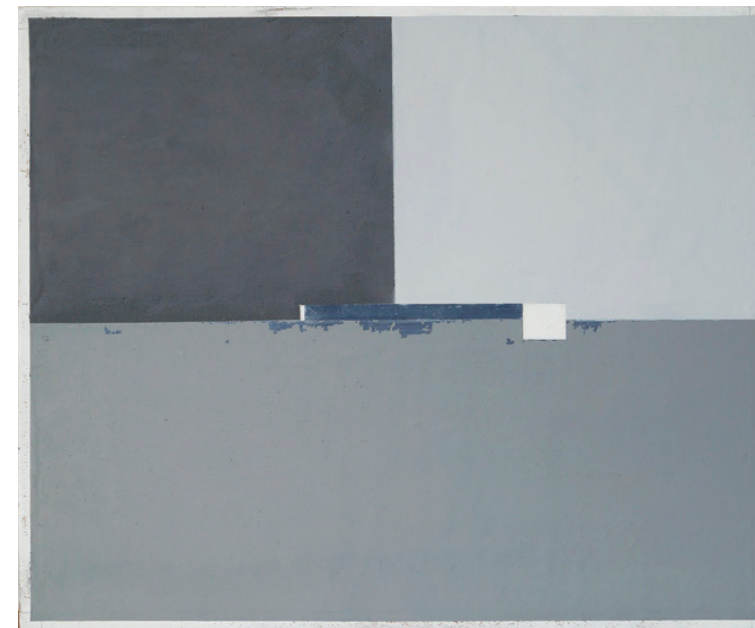
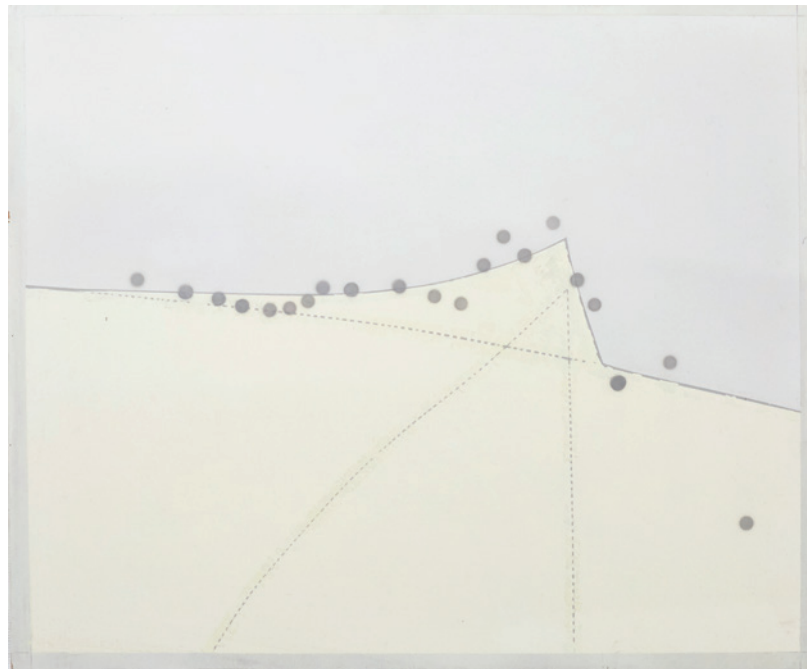
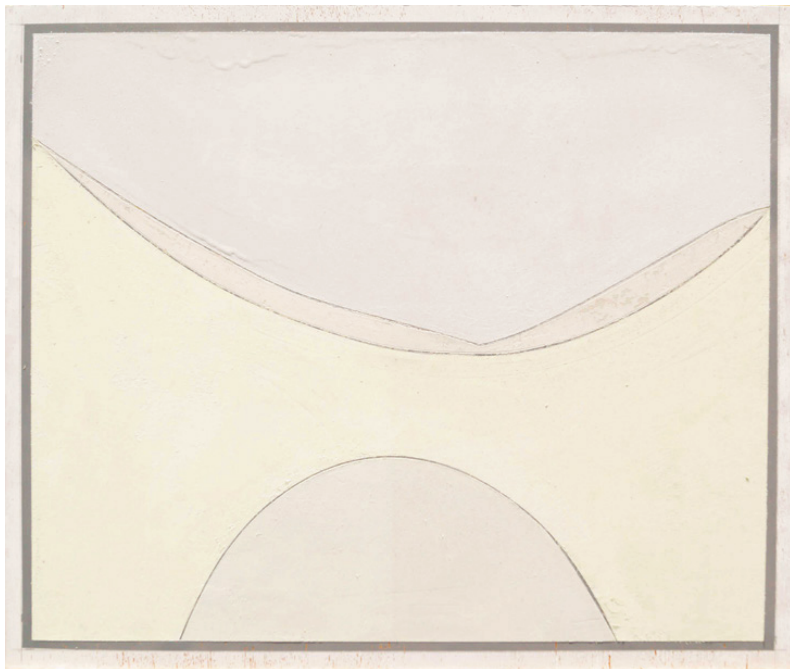
Clique aqui para acessar o portfólio de Melanie Smith

da esquerda para direita

melanie smith, **diagrama 19**, 2015
esmalte acrílico e encáustica sobre MDF
33 x 26 cm

melanie smith, **diagrama 28**, 2015
esmalte acrílico e encáustica sobre MDF
33 x 26 cm

melanie smith, **diagrama 11**, 2015
óleo e encáustica sobre tela
40 x 28 cm



da esquerda para direita

melanie smith, **diagrama 30**, 2015
 óleo e encáustica sobre MDF
 35 x 42 cm

melanie smith, **diagrama 24**, 2015
 esmalte acrílico e encáustica sobre MDF
 35 x 42 cm

melanie smith, **diagrama 45**, 2015
 óleo e encáustica sobre tela
 30 x 37 cm

Vik Muniz (n. 1961, São Paulo, Brasil) vive e trabalha no Rio de Janeiro e em Nova York. É considerado um dos artistas mais criativos e inovadores do século 21. Famoso pelas criações que descreve como ilusões fotográficas, o artista trabalha com uma variedade espantosa de materiais não convencionais — como açúcar, molho de tomate, diamantes, recortes de revistas, calda de chocolate, poeira e lixo— para criar imagens minuciosas e registrá-las com sua câmera. Vik Muniz iniciou sua carreira artística quando chegou a Nova York, em 1984, e realizou sua primeira exposição individual em 1988. Sua educação artística inicial foi voltada à escultura. O trabalho de Muniz atingiu a maturidade na série *The Best of Life*, para a qual desenhou, de memória, fotos da revista Life, do livro de mesa *The Best of Life*, que havia perdido numa mudança. Em seguida, o artista fotografou seus desenhos e guardou apenas as fotos, criando assim o método de trabalho que mais tarde se tornaria sua marca registrada. Posteriormente, Muniz aplicou o método a obras canônicas da história da arte: reproduziu, com calda de chocolate, a Mona Lisa de Leonardo da Vinci e fotos clássicas de Marlon Brando e Marilyn Monroe, e criou uma réplica de uma escultura de Donald Judd com poeira retirada dos salões e galerias do Whitney Museum. Para criar a série *Pictures of Garbage*, Muniz passou dois anos trabalhando com catadores de lixo no Jardim Gramacho, um aterro sanitário próximo ao Rio. Fotografou os catadores como modelos em retratos clássicos, tendo ao fundo o lixo que eles cataram. O projeto foi tema do documentário *Waste Land*, indicado ao Oscar. Muitas das fotografias de Muniz incluem citações de imagens clássicas da cultura popular e da história da arte. Lúdico e de difícil classificação, seu trabalho ativa o processo de percepção do espectador. Em sua obra mais recente, Muniz utiliza microscópios eletrônicos e manipula micro-organismos para revelar o familiar e o estranho em espaços normalmente inacessíveis ao olho humano.

Exposições futuras

Afterglow: Pictures of Ruin

Palazzo Cini, Veneza, Itália - individual

21 Abr – 15 Nov, 2017

Exposições recentes

A retrospective

Sidney and Lois Eskenazi Museum of Art, Indiana University, Bloomington, EUA - individual

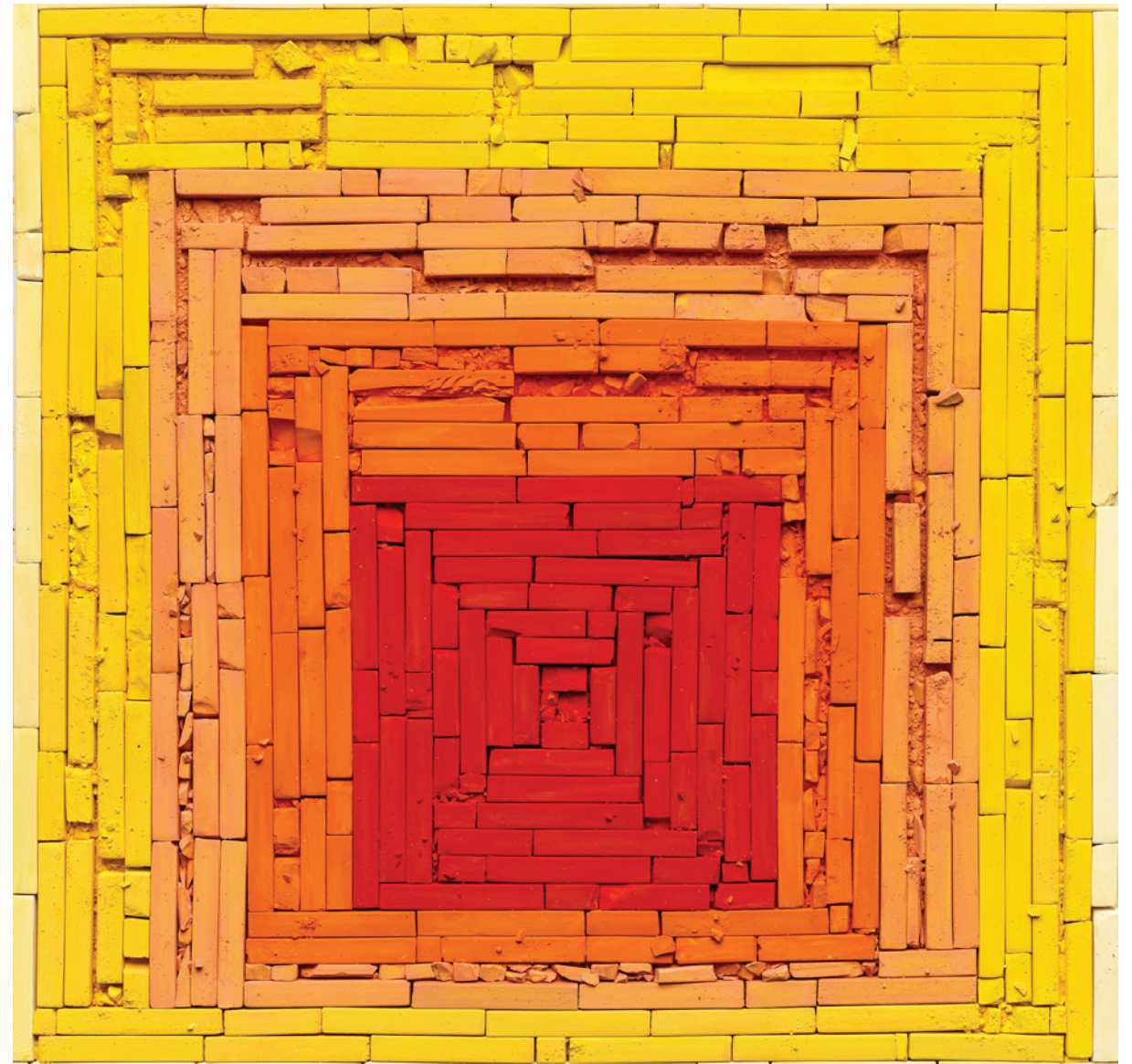
1 Out - 5 Fev, 2017

Handmade

Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil - individual

3 Set - 5 Nov, 2016

Clique aqui para acessar o portfólio de Vik Muniz



vik muniz, **metachrome: homage to the square: glow, after joseph albers**, 2016
impressão de pigmento sobre papel de algodão
ed. AP 2/4
160 x 160 cm

A **Galeria Nara Roesler**, uma das principais galerias de arte contemporânea do Brasil, representa artistas brasileiros e latino-americanos influentes da década de 1950, além de importantes artistas estabelecidos e em início de carreira que dialogam com as tendências inauguradas por essas figuras históricas. Fundada em 1989 por Nara Roesler, a galeria é uma constante incentivadora da inovação curatorial, sempre mantendo os mais altos padrões de qualidade em suas produções artísticas. Para tanto, desenvolve um programa de exposições seletivo e rigoroso, em estreita colaboração com seus artistas; criou e mantém a plataforma de projetos curatoriais Roesler Hotel; e apoia seus artistas continuamente, para além do espaço da galeria, trabalhando em parceria com instituições e curadores em exposições externas. A galeria duplicou seu espaço expositivo em São Paulo em 2012 e inaugurou novos espaços no Rio, em 2014, e em Nova York, em 2015, dando continuidade à sua missão de proporcionar a melhor plataforma possível para que seus artistas possam expor seus trabalhos.

